

Artigo

A pedagogia evangélica, alma do ensinamento cristão¹

Evangelical pedagogy, soul of Christian teaching

Cardeal Giuseppe Versaldi²

Resumo

A conferência “A pedagogia evangélica, alma do ensinamento cristão” apresenta a importância do acesso à educação e à cultura que as universidades católicas, como também, os espaços educacionais eclesiais devem proporcionar à sociedade. Com a finalidade de promover um diálogo fraterno e harmonioso com todos os povos de diferentes credos o texto apresenta uma reflexão a partir de documentos da igreja, em que se destaca a nova Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* do Papa Francisco com o espírito de animar as instituições acadêmicas da Igreja. A importância da educação integral, independentemente de qualquer diferença individual ou cultural tem a finalidade de respeitar a dimensão imanente e transcendente. Os documentos conciliares afirmam que todos os cristãos têm o direito a educação cristã para se tornarem cada vez mais conscientes do dom da fé que receberam com o batismo. As instituições de educação católica, com a missão de evangelizar e humanizar, devem se empenhar na formação humana, instaurando um diálogo profundo entre fé e razão.

Palavras-chave: Educação católica. Evangelizar. Pedagogia evangélica.

Abstract

The conference “Evangelical pedagogy, the soul of Christian teaching” presents the importance of access to education and culture that Catholic universities, as well as ecclesiastical educational spaces must provide for society. In order to promote a fraternal and harmonious dialogue with all peoples of different faiths, the text presents a reflection based on church documents, highlighting the new Apostolic Constitution Veritatis Gaudium by Pope Francis with the spirit of uplifting academic institutions of the Church. The importance of integral education, regardless of any individual or cultural differences, is intended to respect the immanent and transcendent dimension. Council documents state that all Christians have the right to Christian education in order to become increasingly aware of the gift of faith they have received through baptism. Catholic education institutions, with the mission of evangelizing and humanizing, must engage in human formation by establishing a deep dialogue between faith and reason.

Keywords: Catholic education. Evangelize. Evangelical pedagogy.

Introdução

A constituição conciliar *Gravissimum Educationis* afirma que:

[...] todos os homens, de qualquer estirpe, condição e idade, visto gozarem da dignidade de pessoa, têm direito inalienável a uma

¹ Texto apresentado no Colóquio “A Educação Superior Católica à Luz do *Instrumentum Laboris*: educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova”, organizado pelo Núcleo de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, ocorrido nos dias 21 e 22 de novembro de 2018, *Campus I* da PUC-Campinas.

² Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica da Santa Sé. Vaticano.

educação correspondente ao próprio fim, acomodada à própria índole, sexo, cultura e tradições pátrias, e, ao mesmo tempo, aberta ao consórcio fraterno com os outros povos para favorecer a verdadeira unidade e paz na terra (*Gravissimum Educationis*, n.1)³.

Esse princípio, que os padres conciliares colocam de modo claro, corresponde não só à visão cristã da natureza comum a todos os homens, mas também ao respeito às diferenças individuais e culturais que caracterizam a realidade e a história dos povos. Tal respeito, todavia, destina-se a um objetivo comum, que é aquele de uma “fraterna convivência com os outros povos”, para garantir, assim, “a verdadeira unidade e a verdadeira paz sobre a terra”.

Essa referência a alguns valores universais e objetivos é ainda melhor clarificada quando se afirma que:

[...] a verdadeira educação deve promover a formação da pessoa humana com vistas ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte” (*Gravissimum Educationis*, n.1)⁴.

Trata-se, em outras palavras, da educação “integral” à qual toda criatura humana tem direito, independentemente de qualquer diferença individual ou cultural: tal educação integral deve respeitar tanto a dimensão imanente (vida terrena na sociedade na qual se vive) quanto a transcendente (o seu fim último que vai além deste mundo). O documento conciliar insere a educação cristã dentro desse quadro geral quando afirma que:

[...] todos os cristãos que, ao se tornarem novas criaturas mediante a regeneração pela água e pelo Espírito Santo, se chamam e são, de fato, filhos de Deus, têm direito à educação cristã. Esta implica não só a maturidade da pessoa humana acima descrita, mas tende principalmente a fazer com que os batizados, enquanto são introduzidos gradualmente no conhecimento do mistério da salvação, se tornem cada vez mais conscientes do dom da fé que receberam (*Gravissimum Educationis*, n.2)⁵.

Através desse crescimento, os fiéis podem se aproximar do “homem perfeito, a estatura da plenitude de Cristo” e, assim, dar a “sua colaboração no aumento do Corpo místico” e “promover a elevação no sentido cristão do mundo” (*Gravissimum Educationis*, n.2)⁶. Seguindo sempre esses princípios, a Igreja tem se empenhado no campo da educação, antecipando-se muitas vezes à sociedade civil e instaurando um diálogo profundo entre fé e razão, entre dimensão humana e religiosa, de modo a construir escolas de todas as ordens e graus que contribuam não somente para formar bons e maduros cristãos, mas também cidadãos honestos para a construção de um mundo segundo o projeto de amor com o qual Deus o criou. Essa obra é sempre encarnada

³ PAULO VI, Papa. Declaração *Gravissimum Educationis*: sobre a educação cristã. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 10 maio 2018.

⁴ *op. cit.*, 1965. n.1.

⁵ *op. cit.*, 1965. n.2.

⁶ *op. cit.*, 1965. n.2.

nas diversas realidades dos tempos e dos lugares, com a consciência de que, sem jamais perder de vista a essência da mensagem do Evangelho, é necessário que a diversidade sempre esteja presente, divulgada e evidenciada a todos os povos.

Também, hoje, a Igreja é chamada a esse delicado discernimento dos sinais dos tempos em que vivem os homens do terceiro milênio, para verificar se a sua missão é realizada de modo adequado às exigências do mundo contemporâneo.

Jesus, o divino mestre: a pedagogia evangélica

A base da ação educadora da Igreja não pode ser outra senão o modelo dado por Jesus com a sua palavra e com a sua ação, quando veio a este mundo para salvar todos os homens, restaurando a aliança com o seu Deus Criador. E esse modelo tem o seu início no mistério da encarnação do Verbo de Deus, o qual “apesar de sua condição divina, não se privilegiou de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens” (*Fl 2,6-7*). Se o correto estilo educacional é aquele que não se impõe de cima para baixo, mas acompanha as pessoas no seu crescimento, torna-se ainda mais convincente que tal partilha ocorreu por parte de Deus, que tomou a incrível iniciativa de intervir diretamente para convencer os homens do seu amor:

Eu mesmo vou procurar as minhas ovelhas para cuidar delas... e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado nos dias nebulosos e escuros... procurarei aquela que se perder, trarei de volta aquela que se desgarrar, curarei a que se machucar, fortalecerei a que estiver fraca, terei cuidado da gorda e forte (*Ez 34,11-16*).

Mas, além do formidável gesto de amor divino manifestado no fato mesmo da encarnação, Jesus manifestou o seu estilo de Salvador-educador também na sua humanidade, quando, depois dos anos de ocultamento em Nazaré, começou a anunciar a mensagem evangélica: não quis assumir o papel oficial de mestre (*rabi*) nem fundar uma escola de pensamento, mas tomou a iniciativa de andar no meio das pessoas comuns e de escolher como primeiros discípulos pessoas do povo (pescadores) que não eram de boa fama (como o cobrador de impostos Levi – Mateus). Estando no meio das pessoas, Jesus sente em primeira pessoa as aflições do seu povo e sente aquela compaixão que é a manifestação de uma participação empática de um amor altruísta: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas” (*Mt 9,36*). Com esse estilo, com o qual primeiro demonstra o seu amor, compartilhando a vida concreta e cansativa das pessoas e, depois, começa a ensinar, Jesus conquista-lhes a confiança, anulando a distância que, por sua vez, assumiam as autoridades hebraicas.

Mas também o seu ensinamento, coerente com o seu comportamento, torna-se inovador diante do rigor legal das escolas rabínicas: Jesus, confirmando os mandamentos da Lei, uma vez que não veio para aboli-la, mas para cumpri-la plenamente (*Mt 5,17*), afirma com clareza que também aos pecadores se abre a misericórdia de Deus. É por isso que o anúncio do tempo do advento do seu Reino se inicia com este convite: “Convertei-vos e crede no Evangelho”;

isso é, convida a acreditar na “Boa Nova” de que Deus está disposto a perdoar aqueles que reconhecem os próprios pecados e deles se arrependem, já que será Jesus mesmo quem pagará o preço do resgate para a nova e definitiva aliança com o Pai. É essa novidade que escandaliza as autoridades religiosas, mas enche de alegria o povo, especialmente aqueles colocados à margem da sociedade. Jesus estabelece aquela distinção entre pecado e pecador que é o ponto específico e também diferenciador da religião cristã que, numa perspectiva educativa, significa a capacidade de propor ideais altos e estáveis, mas também de saber acolher as pessoas como são, com as suas fragilidades, para acompanhá-las no caminho da conversão e da salvação.

Uma outra importante característica da arte pedagógica de Jesus Redentor é manifestada na sua capacidade de conduzir os seus ouvintes a um bem maior do que suas próprias indagações. Ao ouvir e acolher as vozes suplicantes de pessoas que sofriam privações e expressavam as urgências mais materiais da condição humana (doenças, pobreza, conflitos, perigos de morte, lutos *etc.*), Jesus – sem negligenciar o alívio de tais misérias, e também com maravilhas – não deixa jamais de solicitar ainda a recuperação de uma ordem superior à material. Na verdade, pelo Evangelho, é evidente a função instrumental dos seus milagres físicos e materiais no que diz respeito à plenitude das curas dos males que afligem as pessoas que encontra. Basta aqui mencionar o milagre da multiplicação dos pães (*Jo 6, 1-15*), no qual é evidente a capacidade de Jesus de atrair as multidões com a sua pregação autorizada e diferente daquela dos chefes do povo, mas ao mesmo tempo atenta às exigências dos seus ouvintes, que o seguem distantes das suas casas e necessitados de restauração. Jesus, que com o seu ensinamento se revela Mestre, sente compaixão também da condição física dos seus ouvintes e realiza o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes para revelar-se também como Pastor. Mas, logo depois, diante da multidão que, entusiasmada, queria fazê-lo rei, ele se subtrai e se retira para um lugar solitário para depois retomar o discurso suspenso e levar os seus ouvintes a procurar não somente o pão material, mas também aquele espiritual:

Vocês estão me procurando, não porque viram sinais, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pelo alimento que se estraga; trabalhem pelo alimento que dura uma vida eterna, alimento que o Filho do Homem dará a vocês” (*Jo 6, 26-27*).

De outra parte, essa proposta de valores mais altos e plenos era sempre feita respeitando a liberdade das pessoas diante das quais Jesus se encontrava e, também, aceitando o risco de ser rejeitado. Perante seus discípulos mais próximos, Jesus demonstra querer o seu verdadeiro bem, assumindo o risco de uma possível rejeição do seu ensinamento. Isso se dá, por exemplo, quando, após o duro discurso sobre a Eucaristia – segundo o qual todos devem alimentar-se, porque é o pão descido do céu – que fez com que muitos dos discípulos deixassem de segui-lo, Jesus se dirige diretamente aos doze apóstolos e pergunta-lhes: “Vós também quereis ir?”. Sabe-se a resposta de fé de Pedro – “Senhor, a quem iremos? Tu tens palavra de vida eterna” – mas sabe-se também (e Jesus o prediz) que, na hora da paixão, também estes doze o abandonaram nas mãos dos seus adversários que o levaram à morte. Realmente, na aceitação dessa rejeição completa por parte de todos os homens que Jesus amava, realiza-se a sua salvação. Como ele mesmo disse: “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (*Jo 12,32*), foi por causa dessa morte, aceita livremente e por amor, que os homens se arrependeram e começaram a crer nele, a começar pelo

centurião e pelos soldados romanos que assistiram a sua execução: “Verdadeiramente, ele era o Filho de Deus” (*Mt 27,54*).

E é mesmo nessa extrema doação de si até a morte na Cruz que se demonstra o vértice do amor que Jesus teve pelos homens, porque “ninguém possui um amor maior do que esse: dar a vida pelos seus próprios amigos” (*Gn 15, 12*). E ele se sacrificou também por seus próprios inimigos e na Cruz pediu ao Pai por quem o crucificou: “Pai, perdoe-lhes, porque eles não sabem o que fazem” (*Lc, 23, 34*). Um amor, portanto, incondicional e sacrificado, que não muda diante da recusa, mas sabe esperar os frutos do seu doar-se aos outros, como se verificou após sua ressurreição, que confirmou o que havia pregado de seu reino: um grão de mostarda que é o menor entre as sementes, mas depois se torna maior do que todos os outros legumes (*Mt 13, 31-32*).

Enfim, o amor educador de Jesus se direciona não só a readmitir no seu amor os discípulos que o haviam traído e abandonado na hora da provação, mas também a confiar a ele a mesma missão de salvação pela qual tinha lutado, sofrido e, ao final, dado a própria vida. A Igreja que nasce por vontade e com o poder do Senhor Ressuscitado, de fato, não é outra coisa senão o prolongamento da presença salvadora de Cristo no mundo: “Rebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria e até os confins da terra” (*At 1, 8*). Dessa missão delegada eram bem conscientes os apóstolos, os quais sempre se consideraram somente instrumentos da obra divina a eles confiada, até aceitarem sofrer e morrer para dar testemunho daquilo que viram: “Julguem se é justo aos olhos de Deus obedecer mais a vocês do que a Deus! Porque, de fato, nós não podemos nos calar sobre aquilo que vimos e ouvimos” (*At 4, 19-20*), dizem Pedro e João quando perseguidos por seus correligionários.

Essa confiança de Jesus quanto a sua missão de salvação dos discípulos é ainda mais surpreendente e significativa se se considerar que ele era bem consciente daquilo que a história da Igreja teria sido, isto é, uma história não só de grandes santos fiéis ao seu Mestre, mas também de pecadores que teriam manchado a imagem de Deus da qual deveriam ser sinal transparente. Não se deve esperar muito tempo, porque também os chamados ao serviço do Evangelho manifestaram as suas fragilidades, e foi necessária toda a força de Paulo para corrigir as primeiras comunidades cristãs para que não voltassem aos antigos erros. Diante dos cristãos de Corinto que se dividiam em grupos, de acordo com quem os introduziu à fé (o próprio Paulo, ou Apolo ou Pedro), Paulo recorda: “Paulo por acaso foi crucificado por vós? Ou vocês foram batizados em nome de Paulo?” (*1 Cor 1, 13*), e convida os cristãos a permanecerem todos unidos em Cristo, o único Salvador que escolhe como seus colaboradores “aquilo que é loucura para o mundo [...] para desacreditar os fortes [...] para que ninguém se vanglorie diante de Deus” (*1 Cor 1, 27-29*).

Como se vê dessa rápida síntese da pedagogia de Jesus diante dos homens para convencê-los do amor do Pai e reconduzi-los ao caminho da salvação e da aliança com Deus, verdadeiramente, ele demonstrou ser conhecedor do coração humano com as suas potencialidades e resistências. Para poder modificar o coração endurecido também por uma religião caída no formalismo (sem contar as idolatrias pagãs), Jesus aceitou a humanidade assim como era, porque a amava incondicionalmente, mas, ao mesmo tempo, a acompanhou indicando o caminho da salvação com a sua pregação de autoridade e a antecedeu sobre aquele caminho, dando o exemplo de um amor que, diante do mal, traz para si o peso das transgressões humanas até vir a morrer na Cruz. Verdadeiramente significativa é a definição que Jesus deu de si mesmo quando afirmava: “Eu sou

o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Acreditar nele não significa aderir a uma doutrina, mas acolher e seguir uma Pessoa: de fato, da sua vida concreta, todos, até as pessoas mais simples, podem aprender a agir segundo o bem (ele é o Caminho); escutando as suas palavras entregues pelos Evangelhos todos podem conhecer a verdade (ele é a Verdade), seguindo o seu itinerário, todos passarão pelas atribuições e pela morte, mas alcançarão a verdadeira vida (ele é a Vida).

A escola católica

A escola católica, de qualquer ordem e grau, participa da missão geral da Igreja, que é evangelizar todas as pessoas, mas o faz no seu modo específico, que é o de integrar-se às outras instituições eclesiais. De fato, através da escola, o indivíduo é ajudado a desenvolver a sua inteligência em respeito ao mundo em que vive, para caminhar na estrada da salvação até o seu fim último que está além deste mundo. Na escola, ocorre aquele diálogo entre fé e razão que é, como dizia o Papa São João Paulo II, “como as duas asas com as quais o espírito se levanta em direção à contemplação da verdade” (*Fides et Ratio*)⁷.

Isso não significa que o ensinamento escolar não se deva inspirar na assim chamada pedagogia evangélica (que permanece como fundamento de qualquer ação eclesial), e, todavia, a escola tem seu âmbito e seu método que a diferenciam da paróquia, das associações ou dos movimentos eclesiais etc. A fé, de fato, é a luz que ilumina a razão, mas não a cega; e esta, criada também por Deus, é capaz de abrir-se à verdade inteira, isto é, àquela imanente a este mundo terrestre e àquela transcendente: são duas realidades distintas, mas não separadas, e o homem as alcança através da Revelação e da pesquisa científica. Como se sabe, a religião cristã desde o seu início procurou uma aliança com a razão, rejeitando as religiões pagãs embasadas no mito de divindades caprichosas, para anunciar o Deus que criou o mundo e os homens conforme uma lógica de amor compreensível à mente humana. O Deus dos cristãos é, de fato, o Logos que criou o mundo não no caos, mas segundo uma ordem que a mente humana é chamada a descobrir e a construir para levá-la a cumprimento. E, para restaurar essa ordem conturbada pelo pecado, o próprio Filho de Deus veio a este mundo para reconduzir a humanidade ao caminho da salvação, isto é, para atingir o seu fim último, que é a participação na própria vida divina. Desse modo, de um lado, a fé, nutrida pela Revelação, ajuda a razão a andar além da realidade visível e a encontrar respostas às questões mais profundas do coração humano que envolvem as suas origens e o seu fim último; de outro lado, a razão ajuda a fé a não se deixar arrastar sobre o terreno dos mitos ou dos sentimentos, mas a procurar o verdadeiro significado que Deus registrou no mundo criado.

Como se sabe, depois de um início positivo, o diálogo entre fé e razão se interrompeu, produzindo aquela “nefasta separação” de que fala sempre São João Paulo II na citada encíclica:

[...] a partir da alta Idade Média, a legítima distinção entre os dois saberes se transformou progressivamente em uma nefasta separação... aquilo que o pensamento patrístico e medieval concebeu e atuou como profunda unidade geradora de um conhecimento capaz de chegar às formas mais altas da especulação foi,

⁷ JOÃO PAULO II, Papa. Carta encíclica *Fides et Ratio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso: 7 mar. 2018.

de fato, destruído pelos sistemas que abraçaram a causa de um conhecimento racional separado da fé e alternativo a essa" (*Fides et Ratio*, n.45)⁸.

As consequências estão ainda presentes nos dias atuais:

A razão, privada da contribuição da Revelação, percorreu caminhos laterais que correm o risco de perder de vista a sua meta final. A fé, privada da razão, enfatizou o sentimento e a experiência, correndo o risco de não ser mais uma proposta universal" (*Fides et Ratio*, n.48)⁹.

Portanto, somente refazendo a aliança entre fé e razão é possível educar o homem para o verdadeiro crescimento em direção ao alcance dos seus fins. É essa a missão da escola católica que, exatamente porque acredita nesse diálogo e o realiza, é aberta a todos os homens, crentes e não crentes, para acompanhá-los no conhecimento da inteira verdade. De fato, como recorda a Constituição apostólica *Ex corde Ecclesiae*, a propósito da universidade católica:

[...] sua missão privilegiada é aquela de unificar existencialmente no esforço intelectual duas ordens de realidade que, muitas vezes, tendem a se opor como se fossem antíteses: a procura da verdade e a certeza de já conhecer a fonte da verdade (*Ex Corde Ecclesiae*, n.1)¹⁰.

A Igreja, por meio de suas escolas, se põe a serviço também daqueles que, não acreditando, estão, todavia, na busca sincera da verdade; a instituição católica, professando a sua fé no Autor da verdade, respeita quem não crê e, junto com este, procura, por meio da razão, o caminho que conduz à plena verdade.

Tem-se aqui bem delineada a identidade das escolas católicas, que, ao imitar a pedagogia evangélica, não impõem verdades abstratas, mas, exatamente porque querem conduzir os homens à verdade integral, aceitam as pessoas como são e as ajudam a crescer na livre e responsável adesão aos valores correspondentes à dignidade da pessoa humana. Nesse sentido, pratica-se nessas escolas tanto uma rigorosa metodologia de ensino segundo as regras da pesquisa racional, quanto uma pastoral escolástica que, da parte dos crentes, integre a procura da verdade com o testemunho da caridade.

Esse respeito à diversidade, todavia, não deve existir em detrimento da missão específica e própria da Igreja, que permanece tendo como fim a evangelização. Integrar o respeito à liberdade e à proposta da mensagem evangélica, portanto, não é contraditório, já que, como já se viu, é exatamente do Evangelho que vem o imperativo de uma proposta (e não de uma imposição) do anúncio de salvação, mas, ao mesmo tempo, se resgata a necessidade de não deixar os homens sem a esperança de achar a verdade que vem de Deus e se manifesta plenamente em Jesus Cristo, caminho, verdade e vida.

⁸ JOÃO PAULO II, Papa. Carta encíclica *Fides et Ratio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso: 7 mar. 2018.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ JOÃO PAULO II, Papa. Constitutio apostólica *Ex corde ecclesiae*. *Actas Apostolicae Sedis*, n.82, p.1475-1509, 1990.

A nova constituição apostólica *Veritatis Gaudium*

O Papa Francisco quis dar uma contribuição magistral nessa missão que a Igreja desenvolve no campo do ensino, promulgando uma nova Constituição apostólica, a *Veritatis Gaudium*, a respeito das faculdades e universidades eclesiais, que substitui e atualiza a *Sapientia Christiana*, de 1979. No Proêmio desse novo documento, o Papa expõe o espírito que deve animar as instituições acadêmicas da Igreja, o que vale também para as universidades católicas. Ele indica quatro critérios para ocorrer a necessária renovação também nos estudos eclesiais, segundo ele havia exposto na *Evangelii Gaudium*: uma conversão pastoral e missionária. São quatro critérios orientadores da maior importância, sinteticamente expostos a seguir, sobre os quais somos todos convidados a refletir.

O primeiro critério que o Papa Francisco indica está diretamente coligado ao conteúdo da mensagem geral que caracteriza o seu magistério: cada aspecto da vida da Igreja confiada à sua direção deve ser conectado com o “coração do *querigma*”:

[...] critério prioritário e permanente é a contemplação e a introdução espiritual, intelectual e existencial no coração do *querigma*, ou seja, da feliz notícia, sempre nova e fascinante, do Evangelho de Jesus, que cada vez mais e melhor se vai fazendo carne na vida da Igreja e da humanidade” (*Veritatis Gaudium*, n.4a)¹¹.

Como se recorda, exatamente na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco já tinha sinalizado essa necessidade de andar em direção ao “coração do Evangelho” sem perder-se em aspectos secundários que “ainda que sejam relevantes, por si sós não manifestam o coração de Jesus Cristo” (*Evangelii Gaudium*, n.34). E exatamente lá ele indicava claramente o conteúdo desse coração do Evangelho: “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo e ressuscitado” (*Evangelii Gaudium*, n.36). Desse coração descendem todos os outros valores, mas segundo uma hierarquia que “vale tanto para os dogmas da fé quanto para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, nisto tudo incluído o ensinamento moral” (*Evangelii Gaudium*, n.36). Retomando aqui essa necessidade, o Papa deseja que os estudos eclesiais recomecem de suas fontes de inspiração para reencontrar unidade sem sacrificar as especializações que enriquecem e historicizam o conteúdo, exatamente para que não se separem ou percam de vista a essencial referência desse mistério de amor “que encontra suas raízes na Trindade” e que se transforma em:

[...] fermento daquela fraternidade universal que sabe olhar a grandeza sacra do próximo, que sabe descobrir Deus em todo ser humano, que sabe suportar as moléstias da vida em sociedade agarrando-se ao amor de Deus para buscar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom” (*Veritatis Gaudium*, n.4c)¹².

A estreita ligação entre o amor de Deus e o amor dos pobres, como o ditado evangélico, permite ao Papa convidar novamente os estudos eclesiais à missão universal da Igreja:

¹¹ FRANCISCO, Papa. Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*: sobre as universidades e faculdades eclesiais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 10 maio 2018.

¹² *Ibid.*

Daqui o imperativo de ouvir o coração e fazer ressoar na mente o grito dos pobres e da terra, para dar concretude à dimensão social da evangelização, como parte integrante da missão da Igreja: porque Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa em si, mas também as relações sociais entre os homens (*Veritatis Gaudium*, n.4c)¹³.

O novo chamado que ocorre na *Evangelii Gaudium* (e, em particular, em todo o capítulo IV) aqui se faz explícito. Mas como não se recordar também da segunda parte da carta encíclica de Bento XVI *Deus Caritas Est*? O Papa Francisco estende essa caridade também ao cosmo, referindo-se à sua encíclica *Laudato Si'*:

Daqui, ainda, o acento peculiar na formação de uma cultura cristianamente inspirada, a descobrir em toda a criação a marca trinitária que faz do cosmo em que vivemos um conjunto de relações no qual é próprio de cada ser vivente tender em direção a uma outra coisa, propiciando uma espiritualidade da solidariedade global que jorra do mistério da Trindade (*Laudato Si'*, n.240)¹⁴.

Como se vê, com esse critério, o Papa Francisco, enquanto convida a voltar ao coração do *kerigma*, na realidade, mesmo dali chama os estudiosos a extrair consequências que envolvem toda a realidade criada, evitando isolar o estudo da concretude do mundo inteiro que leva ao projeto originário de Deus, que é o amor. Eis aqui uma abertura das instituições acadêmicas eclesiais das quais a Igreja precisa, como também dela precisam as universidades eclesiais, se não quiserem tornar-se insignificantes na renovação desejada pelo Papa Francisco.

O segundo critério indicado pelo Papa é aquele do “diálogo em geral”. O Pontífice logo explica que não se trata de uma “simples atitude prática”, mas de “uma exigência intrínseca para fazer a experiência comunitária da alegria da Verdade e para aprofundar o significado e as implicações práticas” (*Veritatis Gaudium*, n.4b)¹⁵. Portanto, a mensagem evangélica não diz respeito somente ao conteúdo do anúncio, mas também compreende essencialmente o modo dialógico de propô-lo. Trata-se de criar “uma autêntica cultura do encontro entre todas as autênticas e vitais culturas críticas, graças à recíproca troca dos próprios respectivos dons no espaço de luz aberto pelo amor de Deus por todas as suas criaturas” (*Veritatis Gaudium*, n.4b)¹⁶. E aqui o Papa Francisco, ao dar razão à natureza não tática, mas evangélica do diálogo, cita Bento XVI que, na *Caritas in veritate*, lembrou que “a verdade é logos que cria dia-logos e, por isso, comunicação e comunhão” (*Veritatis Gaudium*, n.4b)¹⁷. As faculdades e universidades eclesiais são, assim, chamadas ao dever de transformarem-se em lugares em que a procura da verdade passa também através do confronto inter-religioso e intercultural; isto é, oitiva e diálogo não só com as outras

¹³ Cf. FRANCISCO, Papa, 2017.

¹⁴ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 5 mar. 2018.

¹⁵ FRANCISCO, Papa. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium*: sobre as universidades e faculdades eclesiais. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 10 maio 2018.

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

Igrejas e comunidades eclesíásticas que aderiram a outras convicções religiosas, mas também com os estudiosos das outras disciplinas, sejam esses fiéis ou não fiéis, no esforço de bem entender e valorizar as afirmações deles, e de julgá-las à luz da verdade revelada. Trata-se de um chamado que deve superar o medo de alguns de que o diálogo interno das instituições eclesíásticas possa envenenar a identidade católica, como se, diante do inegável secularismo da cultura dominante no mundo, suas estruturas acadêmicas devessem fechar-se num forte para se refugiarem à espera de tempos melhores. Isso não implica, obviamente, que o diálogo se transforme em comodismo na mente humana, de modo que o sal se torne insípido: o Papa convida a ouvir e a compreender as ideias dos outros sem preconceitos, mas depois afirma que é necessário julgá-las à luz da verdade revelada.

A consequência desse segundo critério é explicitada pelo Papa de modo claro e, ao mesmo tempo, provocativo: “Daí deriva a feliz e urgente oportunidade de rever, sob essa ótica e nesse espírito, a arquitetônica e a dinâmica metódica dos currículos dos estudos propostos pelo sistema dos estudos eclesíásticos, nos seus princípios inspiradores e nos seus diversos níveis de articulação disciplinar, pedagógica e didática” (*Veritatis Gaudium*, n.4b)¹⁸. A ninguém foge o objetivo dessa sugestão papal: interessa não só o conteúdo, mas também, à luz dessa lógica e intenção, é necessário rever os métodos de ensino. E isso, continua o Papa Francisco, porque:

hoje vê-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente e que suscitem valores fundamentais. É necessário chegar lá onde se formam as novas histórias e paradigmas” (*Veritatis Gaudium*, n.4b)¹⁹.

É um estímulo verdadeiramente interessante com o qual o Papa pede às instituições acadêmicas eclesíásticas que não se mantenham defasadas em relação às novidades da pesquisa e da comunicação dos saberes; pelo contrário, considera esse diálogo avançado e corajoso como algo urgente para a nova evangelização.

O terceiro critério que o Papa aponta descende exatamente do anterior: “a inter e a transdisciplinaridade exercitadas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação” (*Veritatis Gaudium*, n.4c)²⁰. Aqui o Papa entra num discurso que interessa mais de perto ao método científico e recorda um princípio já consolidado em nível teórico, mas nem sempre praticado no campo acadêmico:

Aquilo que qualifica a proposta acadêmica, formadora e de pesquisa do sistema dos estudos eclesíásticos, seja no nível do conteúdo seja no do método, é o princípio vital e intelectual da unicidade do saber na distinção e no respeito às duas multiplicidades, correlatas e convergentes expressões (*Veritatis Gaudium*, n.4c)²¹.

Como é notório, as universidades nascidas no interior da Igreja tinham por objetivo exatamente recolher a universalidade dos saberes, fazendo-os convergir na única verdade que subjaz à inteira realidade do conhecimento. O Papa Francisco insiste nessa originalidade histórica:

¹⁸ Cf. FRANCISCO, Papa, 2017.

¹⁹ *Id.*

²⁰ *Id.*

²¹ *Id.*

Trata-se de oferecer, através de diversos percursos eclesiais, uma pluralidade de saberes, correspondente à riqueza multiforme do real na luz aparecida no evento da Revelação, que seja, ao mesmo tempo, harmonicamente e dinamicamente recolhida na unidade da sua fonte transcendente e da sua intencionalidade histórica e meta-histórica, que é descartada escatologicamente em Cristo Jesus (*Veritatis Gaudium*, n.4c)²².

Por isso, o Papa Francisco conectou essa exigência de unidade dos saberes à mesma missão dos estudos eclesiais:

[...] essa precisa e orientadora diretiva de marcha não apenas explica o intrínseco significado real do sistema dos estudos eclesiais, mas evidencia também, principalmente, hoje, a efetiva relevância cultural e humana" (*Veritatis Gaudium*, n.4c)²³.

Portanto, além das razões intrínsecas, as faculdades e universidades eclesiais são chamadas a essa interdisciplinaridade em razão de sua "relevância cultural" diante do mundo científico. Essa interdisciplinaridade, esclarece, não se limita a uma simples multidisciplinaridade "como relação que favorece uma melhor compreensão de mais pontos de vista de um objeto de estudo" (*Veritatis Gaudium*, n.4c)²⁴. É oportuna a forma "forte" de interdisciplinaridade que o Papa chama de "transdisciplinaridade", como colocação e fermentação de todos os saberes dentro do espaço da Luz e da Vida oferecido pela Sabedoria que emana da Revelação de Deus. E aqui o Papa lembra a contribuição nessa direção de dois grandes pensadores cristãos: os beatos J.H. Newman e Antonio Rosmini. O primeiro lembrava a necessidade de o estudioso saber "onde colocar a si mesmo e a própria ciência, a qual atinge, por assim dizer, por uma cúpula, depois de ter tido uma visão global de todo o saber" (*A ideia da universidade*). Rosmini argumentava que é necessário dar novamente unidade de conteúdo, de perspectiva, de objetivo à ciência que vem empenhada a partir da palavra de Deus e do seu ápice em Cristo Jesus, Verbo de Deus feito carne. Somente assim será possível superar a "nefasta separação entre teoria e prática, já que na unidade entre ciência e santidade está propriamente a genuína índole da doutrina destinada a salvar o mundo – *Das cinco chagas da santa Igreja*" (*Veritatis Gaudium*, n.4c)²⁵.

O quarto critério indicado pelo Papa Francisco consiste na necessidade urgente de unir as diversas instituições que, em toda parte do mundo, cultivam e promovem os estudos eclesiais. O processo de globalização atual exige que também as instituições acadêmicas se movam nessa direção para não permanecerem excluídas e sofrerem negativamente tal fenômeno. Trata-se de ativar com decisão, por parte das faculdades e universidades eclesiais, "as oportunas sinergias também com as instituições acadêmicas dos diversos países e com aquelas que se inspiram nas diversas tradições culturais e religiosas" (*Veritatis Gaudium*, n.4d)²⁶. E há uma razão atual que o Papa aponta como ulterior urgência para que haja esse acordo global: os problemas que estão

²² Cf. FRANCISCO, Papa, 2017.

²³ *Id.*

²⁴ *Id.*

²⁵ *Id.*

²⁶ *Id.*

diante da humanidade de hoje são de “proporção épica” e não podem ser resolvidos senão com o esforço conjunto de todas as instituições. Por isso, o Papa Francisco propõe dar vida a “centros especializados de pesquisa a fim de estudar os problemas de proporção épica que assolam hoje a humanidade” (*Veritatis Gaudium*, n.4d)²⁷. Recordando a *Laudato Si'*, o Papa constata que hoje em dia a humanidade vive como um só povo e habita uma casa comum, de modo que “a tomada de consciência dessa interdependência nos obriga a pensar em um só mundo, em um projeto comum” (*Veritatis Gaudium*, n.4d)²⁸. A Igreja, segundo o Papa, tem uma razão específica para inserir-se nesse processo de globalização positiva, uma razão ligada à sua própria natureza:

A Igreja [...] é chamada a experimentar que a catolicidade que a qualifica como fermento de unidade na diversidade e de comunhão na liberdade, exige e propicia por si a polaridade tensional entre o particular e o universal, entre o uno e o múltiplo, entre o simples e o complexo (*Veritatis Gaudium*, n.4d)²⁹.

Retorna aqui o aceno a compor em unidade a multiplicidade, já mencionado ao se indicar a necessidade da interdisciplinaridade:

Trata-se de praticar uma forma de conhecimento e de interpretação da realidade à luz do pensamento de Cristo (*Cf.* 1 *Cor* 2,16) no qual o modelo de referência não é a esfera onde cada ponto é equidistante do centro e não há diferenças entre um ponto e outro, mas o poliedro, que reflete a confluência de todas as parciaisidades que nele mantêm a sua originalidade (*Veritatis Gaudium*, n.4d)³⁰.

É clara aqui a preocupação do Papa com o risco de uma globalização negativa que terminaria por suprimir as diferenças e as minorias culturais em favor de uma massificação do pensamento único dominante. A referência à história da Igreja quer lembrar a transculturalidade da mensagem evangélica, pela qual

[...] o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas, sim, estando plenamente em si mesmo, na total fidelidade ao anúncio evangélico e à Tradição eclesial, ele levará até o vulto as tantas culturas e dos tantos povos nos quais é acolhido e radicado (*Evangelii Gaudium*, n.116)³¹.

Conclusão

Essas são tarefas importantes e também difíceis em um mundo que parece conceber o progresso como um afastamento de Deus, e podemos ser tentados a nos sentir ímpares diante da missão que temos pela frente. Concluindo, vale recordar as palavras do Papa Francisco na encíclica *Evangelii Gaudium*, quando afirma que “o tempo é superior ao espaço” (*Evangelii Gaudium*,

²⁷ *Cf.* FRANCISCO, Papa, 2017.

²⁸ *Id.*

²⁹ *Id.*

³⁰ *Id.*

³¹ *Cf.* FRANCISCO, Papa, 2013.

n.222)³², assim evidenciando que “esse princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão dos resultados imediatos. Ajuda a suportar com paciência situações difíceis e adversas, ou as mudanças dos planos que o dinamismo da realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, confiando prioridade ao tempo... Trata-se de privilegiar as ações que geram novos dinamismos na sociedade e envolvem outras pessoas e grupos que as levarão adiante, até que frutifiquem em importantes acontecimentos históricos. Sem ansiedade, mas com convicções claras e tenazes” (*Evangelii Gaudium*, n.223)³³.

São palavras encorajadoras, que nos ajudam a seguir em frente, não obstante as dificuldades, sem que nos conformemos à inércia diante dos obstáculos, com a convicção de que estamos em tempos mais de semear do que de colher e, portanto, é essencial espalhar a boa semente em cada terreno para que a potência divina a faça crescer e dar frutos ao seu tempo.

Enquanto agradeço por tudo que já fazem nesta Universidade, o meu convite e o meu desejo é que possam continuar com renovado ardor o seu empenho fiel aos ensinamentos do Papa Francisco, que guia a Igreja na sua missão no complexo mundo atual. O Senhor os abençoe e os proteja a todos.

Referências

- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica “Evangelii Gaudium”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 2 fev. 2018.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si’ sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 5 mar. 2018.
- FRANCISCO, Papa. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium: sobre as universidades e faculdades eclesiásticas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 10 maio 2018.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Fides et Ratio*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1998. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html. Acesso: 7. mar. 2018.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae. Actas Apostolicae Sedis*, n.82, p.1475-1509, 1990.
- PAULO VI, Papa. *Declaração Gravissimum Educationis: sobre a educação cristã*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 10 maio 2018.

³² Cf. FRANCISCO, Papa, 2013.

³³ *Id.*

Como citar este artigo/How to cite this article

VERSALEDI, G. A pedagogia evangélica, alma do ensinamento cristão. *Cadernos de Fé e Cultura*, v.4, n.2, p.59-71, 2019. <http://dx.doi.org/10.24220/2525-9180v4n22019a4802>